

“NUMA E A NINFA” E “CLARA DOS ANJOS”: LEITURA DE CONTOS NA SALA DE AULA

Andréia Maria da Silva LOPES
Universidade Federal de Campina Grande

Maria Marta dos Santos Silva NÓBREGA
Universidade Federal de Campina Grande

1 Introdução

O presente trabalho objetiva descrever e analisar aspectos relevantes da recepção dos contos “Numa e a Ninfa” e “Clara dos Anjos”, do autor Lima Barreto, em uma turma do 3º ano do Ensino Médio, da rede pública, situada na cidade de Currais Novos - RN.

Sabemos que a leitura literária no espaço escolar, na maioria das vezes, não se enfatiza um dos aspectos mais importantes, a formação do aluno/leitor. É comum encontramos nas reflexões sobre o ensino de literatura no Brasil o diagnóstico de fatores problemáticos, como: a não leitura do texto literário; ênfase nos estudos historiográficos; a falta de formação do professor e o uso exagerado do livro didático. A inadequação da literatura acontece em todos os níveis de escolarização, mas tende a se agravar no ensino médio, sendo esse o período a que nos deteremos neste trabalho.

Nosso objetivo, portanto, é a preocupação com a formação do leitor literário. Por isso, discutiremos ao longo do artigo a importância dos procedimentos metodológicos quando trabalhamos com o texto literário. Dessa forma, nossa experiência buscou uma nova dinâmica metodológica para a leitura de contos na sala de aula.

Nosso trabalho, portanto, contará com um tópico sobre “A leitura literária e o leitor”, no qual trataremos pressupostos teórico-metodológicos que orientaram nossa intervenção na sala de aula. No tópico seguinte, apresentaremos os colaboradores da pesquisa. Por último, trataremos os procedimentos escolhidos para a experiência de leitura e discutiremos dados relativos à recepção dos contos “Numa e a Ninfa” e “Clara dos Anjos”, de Lima Barreto.

2 A leitura literária e o leitor

Nos últimos anos, muitas pesquisas (Aguiar & Bordini, 1993; Leite, 1983; Soares, 2001; Pinheiro, 2006, 2007, 2012) sobre a abordagem da leitura literária na sala de aula têm sido

feitas. Nesses estudos é enfatizada a importância do aluno-leitor na construção dos sentidos do texto, aspectos advindos de teorias da ótica recepcional. Uma dessas correntes é a Estética da Recepção, formada em Constança na década de 1960 e que conta com Jauss e Iser como os seus principais expoentes.

Considerando a importância do leitor, situação não encontrada nas correntes teóricas anteriores, Jauss (1979;1994) formula a noção de *Horizontes de expectativas*, ou seja, é necessário considerarmos no momento de interação do leitor com o texto literário, os conhecimentos adquiridos no decorrer da vida, pois é a partir deles que serão construídos sentidos para o que é lido. E a construção de sentidos é que gera a *experiência estética* do leitor com a obra.

Dentro da Estética da Recepção, Iser (1979) também formula que no ato da leitura o leitor torna-se co-autor da obra, preenchendo os *vazios* deixados por ela. Para Iser, (1979, p. 91) “o texto é um sistema de tais combinações e assim deve haver também um lugar dentro do sistema para aquele a quem cabe realizar a combinação. Este lugar é dado pelos vazios (*Leerstellen*) no texto, que assim se oferecem para a ocupação do leitor”. Entendemos, pois, que a relação do texto/leitor ganha um enfoque que possibilita uma vivência mais significativa, uma vez que o leitor assume um papel ativo nessa relação.

A protagonização do leitor na teoria da recepção mostra uma necessidade de um redimensionamento da forma de conceber e ensinar a literatura. Como pontua Soares (2001) nas salas de aula a literatura está sendo concebida, na maioria das vezes, de modo inadequado. Para a autora a escolarização da literatura para ser feita de modo adequado precisa modificar-se em três instâncias (biblioteca, leitura de livros na sala de aula e apresentação da literatura no livro didático). Esse acerto no ensino da literatura se refletiria na formação do leitor.

A escola precisa eleger outros objetivos para o ensino de literatura na escola. Isso começa a ser pensado nas *Orientações Curriculares Nacionais* (2006) quando baseado na Estética da Recepção, entre outras correntes, propõem a centralidade do texto literário na sala de aula. Nesse enfoque se modifica o conceito de ensino de literatura trazido pelo livro didático, geralmente, baseado no cunho historiográfico, sem a leitura integral da obra.

Outro documento que também traz mudanças importantes para o ensino da literatura são os *Referências Curriculares para o ensino médio na Paraíba* (2006), que propõem um ensino a partir de gêneros, ou seja, às escolas literárias dá lugar a leitura de vários textos em cada série do ensino médio, a partir de um gênero escolhido. Para o primeiro ano seria a leitura de poema, no segundo ano se daria ao gênero narrativo e somente no terceiro ano, quando já se tem um

conhecimento de vários textos da literatura entraria a historiografia literária. Não esquecendo que os *Referenciais* sugerem que o contato do aluno inicie com os textos contemporâneos.

Para a formação de leitores competentes, acreditamos que junto com essa mudança de conteúdo sugerida pelos documentos oficiais, cremos que no âmbito da sala de aula o professor de literatura precisa partir da leitura da obra literária. Essa nova forma de ver o ensino de literatura abre caminhos para novos procedimentos metodológicos, como a leitura compartilhada sugerida por Colomer (2007). Para a autora:

(...) compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá as crianças a oportunidade de atravessá-la. (COLOMER, 2007, p. 147)

O ato de compartilhar as possíveis interpretações para o texto literário pode ser uma forma de trabalho mais consistente com a literatura, diferindo das interpretações fechadas, muitas vezes, fixadas pelo livro didático e repetidas pelo professor. Desse modo, essa prática pode contribuir com o desenvolvimento da capacidade interpretativa dos alunos, vindo a colaborar para a formação do aluno/leitor.

Partindo dessas reflexões sobre a relação que precisa existir entre texto/leitor é que realizamos nossa intervenção didática, uma vez que criamos uma dinâmica metodológica partindo do pressuposto de ter o leitor como um construtor de sentidos, como apregoa o letramento literário.

Não podemos esquecer que nessa relação texto/leitor os textos precisam estabelecer algum diálogo com os interesses e vivências dos alunos. Devido a isso, a atualidade do texto é um aspecto importante. Segundo Cosson (2006) esse é um dos requisitos do letramento literário, uma vez que ao construir uma ponte com o texto, o aluno poderá estabelecer mais sentidos para o que é lido. Como estamos nos propondo a analisar a recepção dos alunos à leitura de contos de Lima Barreto, não podemos deixar de considerar a atualidade na abordagem da condição da mulher nas narrativas do autor. Dessa forma, concordamos ainda com Cosson, quando nos fala que o significado de um texto literário na sala de aula, não é dito somente porque ele é contemporâneo, mas sim quando no texto podemos encontrar uma atualidade.

3 Conhecendo os alunos/leitores

A familiarização com a turma do 3º ano se deu a partir da observação de um mês das aulas de literatura. Logo após, foram feitos os encontros de leitura. Nesses dois momentos utilizamos para o registro da experiência o diário de campo e as gravações em áudio.

Nessa turma eram matriculados 20 alunos (11 meninas e 9 meninos), com a faixa etária entre 17 e 22 anos. Mas a frequência nas aulas contava com a participação entre 12 a 15 alunos. A preferência de realizarmos o experimento numa turma de terceiro ano da escola pública justificou-se pela cronologia trazida nos exemplares didáticos para o autor Lima Barreto, que indica seu estudo no último ano do ensino médio.

As aulas de literatura aconteciam apenas uma vez na semana e as leituras trabalhadas eram as obras do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No ano de 2011, foram indicados os seguintes livros: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Negrinha*, de Monteiro Lobato, *Crônicas de Origem*, de Luís Câmara Cascudo, *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna e *Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade.

Em conversas informais percebemos que até o momento a professora havia trabalhado apenas o romance machadiano, um trabalho feito de maneira intertextual com a linguagem fílmica da obra. O livro *Rosa do Povo*, de Drummond foi a segunda obra trabalhada. E foi essa vivência que presenciamos ao longo do mês de observação.

Ao término das observações percebemos que as relações constituídas pelos alunos com leitura da obra literária eram bem frágeis, pois estava mais ligada a familiarização com as questões dos exames para perceber os aspectos recorrentes cobrados nessas perguntas. Por isso, o enfoque que foi dado à obra de Drummond, autor trabalhado no momento da observação, recaiu no viés mais histórico-biográfico, pois era isso que as questões oferecidas para a turma pediam. Na resolução dessas perguntas dos exames, na maioria das vezes, não é preciso se ler o texto literário para respondê-las, pois não há uma relação direta dos poemas com as perguntas.

Dessa forma, aquela sala de aula fazia parte das inúmeras salas comentadas por estudiosos, na qual o tratamento dado ao texto literário era colocado para segundo plano, pois a leitura e as metodologias do professor estavam muito mais relacionadas com a visão do vestibular, do que com a importância da leitura do texto literário.

4 Lendo contos de Lima Barreto na sala de aula: o caminho metodológico

Da obra do autor Lima Barreto recortamos para nossa pesquisa os contos que apresentam personagens femininas, tendo em vista ser esse enfoque menos estudado na esfera acadêmica, bem como na sala de aula. Os contos “Numa e a Ninfa” e “Clara dos Anjos” trazem

a representação da mulher burguesa e da mulher pobre no contexto da *Belle Époque*, respectivamente. Nesse sentido, queríamos que os alunos a partir da leitura dos contos percebessem o papel que exercia a mulher na época e atentassem para as semelhanças e diferenças entre os tipos femininos representados. Como as impressões foram compartilhadas os alunos precisaram socializar seus pontos de vista oralmente, de forma que convencesse os outros leitores.

Antes do contato com o texto planejamos a motivação, que a fizemos a partir da temática das narrativas. Esse caminho da temática como pontua Cosson (2006) é uma porta de entrada mais fácil para chamar a atenção do aluno e geralmente a mais utilizada. E, considerando a realidade diagnosticada na observação pensamos que, talvez, a turma não recebesse bem uma entrada pelo aspecto da linguagem.

Como o conto “Numa e a Ninfa” traz uma quebra dos papéis desempenhados tradicionalmente pelo homem e pela mulher no casamento, trouxemos a música “Feijoada Completa”¹, de Chico Buarque, uma vez que por meio da discussão da canção foram elucidados aspectos que envolviam o cotidiano de um casal. Nessa relação à condição feminina reflete o papel convencional cultivado pela sociedade, situação contrária a do conto. No conto “Clara dos Anjos”, a motivação ficou por conta da discussão de dicas para a sedução de ambos os sexos nos dias de hoje, já que na narrativa a personagem Clara é seduzida e deflorada por um sedutor barato.

No momento da leitura dos contos dividimos a aula em dois momentos: um para a leitura oral e outro para o debate sobre os textos lidos. Para o acompanhamento da leitura oral, distribuimos uma Antologia com seis contos do autor, todos que de algum modo trazia a representação feminina. No segundo momento, instigamos a participação dos alunos e pedimos que destacassem passagens dos contos que eles mais gostaram, pedimos que se posicionassem sobre o final das narrativas e promovemos debates sobre as atitudes femininas nos contos.

Nos dois encontros os alunos acompanharam atentamente a leitura dos contos, mesmo que tenham reclamado da extensão da narrativa no início. Percebemos que a reação dos alunos foi de não concordância com o adultério da personagem feminina do conto “Numa e a Ninfa”, devido a isso houve uma identificação maior com o enredo da narrativa por este ter

¹ Nesta situação, foi trabalhada a relação que reflete a condição do papel da mulher circunscrito à esfera do lar, também evidente na canção. No entanto, não podemos esquecer que o contexto de escrita da música é a volta dos exilados para o Brasil, que estão pelos direitos lhes retirados, “[...] todo mundo com uma fome e uma sede de anteontem”, como bem lembra a canção. Uma situação conjugal foi também a escolha feita pelo autor Luís Fernando Veríssimo para o conto “Feijoada completa” o qual se baseia na música homônima, de Chico Buarque. Esse conto faz parte do livro *Essa História Está Diferente – Dez Contos Para Canções de Chico Buarque* (2010), organizado pelo jornalista e escritor Ronaldo Bressane.

surpreendido os alunos. Em relação a “Clara dos Anjos” notamos que houve uma grande identificação com a personagem, já que os alunos se solidarizaram com a situação triste vivida por Clara.

Não podemos deixar de destacar que nos dois encontros de leitura atuamos como mediador das discussões, sempre possibilitando o diálogo para que fossem construídos coletivamente os sentidos para o texto lido, como propõe Colomer (2007). Dessa forma, trouxemos questionamentos para elucidar alguns aspectos não percebidos pelos alunos e que os fizeram refletir não apenas sobre a temática, mas para o como aquela temática estava sendo abordada por Lima Barreto.

4.1 A leitura e a recepção do leitor

No trabalho com os contos de Lima Barreto iniciamos uma conversa sobre as expectativas da turma em relação ao enredo das narrativas a partir dos títulos. Assim, com base em seus horizontes de expectativas os alunos foram construindo os primeiros sentidos para os contos.

Pelo título “Numa e a Ninfa”, os alunos consensualmente aludiram que seria uma história com dois personagens principais, um homem e uma mulher, sendo que essa mulher seria uma verdadeira Deusa. Essa percepção se confirmou após o conhecimento da narrativa pela turma. No tocante ao levantamento de expectativas sobre o enredo do conto “Clara dos Anjos”, a aluna Ca² socializou seu ponto de vista: “Eu penso que é uma história de uma menina chamada Clara...de uma mulher chamada Clara e que ela era dos Anjos ...era muito boa, uma santa”. A aluna se utilizou do que era familiar para construir esses primeiros sentidos. Então, as impressões que evocam as palavras “Clara” e “Anjos” são recuperadas pela aluna.

Durante a leitura de “Numa e a Ninfa” notamos que a turma ficou bem atenta e ao seu término alguns comentários demonstraram que a leitura do primeiro conto havia agradado, acompanhemos as primeiras falas socializadas:

Vote Quero mais! Quero mais! Oxe! Ah é massa! Quando estava na parte interessante parou. (Vi)
Legal! (Ca)
Foi bom porque eu entendi! (Al)

² Ao longo de nossas análises, preservamos a identidade real desses alunos e nos referimos a cada um através das iniciais dos seus nomes.

As falas dos alunos são bem reveladoras, pois o aluno *Vi* de forma espontânea parece querer prolongar o contato com o texto, dizendo: “quando estava na parte interessante parou”. Então, podemos depreender que para ele o sentido do texto não estava completo, pois necessitava de uma continuidade para a história. A fala da aluna *Al* nos revelou que a experiência vivenciada foi proveitosa porque havia entendido a narrativa, ou seja, a aluna conseguiu ao longo da leitura apreender os sentidos daquele texto, situação que talvez não tivesse acontecido em suas leituras anteriores.

Ao final da leitura de “Clara dos Anjos”, captamos a reação da aluna *Ca* que faz uma pergunta: “Ela morreu foi? Ah mulher, danado desses contos param na melhor parte!” (*Ca*). Pela fala da aluna, ela estava um pouco incomodada com os dois finais escolhidos, que nos fez perceber uma quebra da expectativa da aluna.

Outro aspecto que merece destaque são os posicionamentos dos alunos em relação às temáticas centrais (traição e sedução) dos contos. Considerando que os alunos sempre retomavam esses aspectos elegendo-os como centrais para as nossas discussões, aproveitamos para questionarmos sobre a atualidade das narrativas. No conto “Numa e a Ninfa” a questão temática da traição levantou posicionamentos diferentes. Para os alunos a traição era algo recorrente nas relações matrimoniais atuais, como fala a aluna *Al* sobre a traição no mundo da política, se assemelhando ao contexto representado pelas personagens principais de “Numa e a Ninfa”. A aluna argumenta:

Se acontece hoje vai abafar, mas acontece o seguinte: passa uma semana e já se esqueceu. E aí? Não faz nada mais!” (*Al*).

Entrevemos que a aluna consegue de forma clarividente trazer à tona uma reflexão sobre a acentuação da fugacidade das coisas nos nossos dias, já que muitos fatos acontecem ao mesmo tempo, mas também nos esquecemos deles muito rápido. Assim, acreditamos que a aluna traz para a discussão suas experiências, talvez um conhecimento vivenciado numa realidade política mais próxima ou de situações a nível mundial, noticiadas pelos meios de comunicação. Por isso, se no mundo da política houvesse uma traição, isso não causaria a repercussão daquela época retratada no conto, mas, se causasse, essa seria esquecida rapidamente.

No conto “Clara dos Anjos” a forma como aparece à sedução também serviu de parâmetro comparativo para algumas situações vivenciadas nos dias atuais. Assim, o aluno *Ir* argumentou:

Ah, pois eu acho tão normal. Sabe o porquê, olhe: Por exemplo, numas festas dessas que o povo vão só para ficar. Só é para o povo engravidar. Então, é muito atual isso hoje em dia (Ir).

O aluno enxerga uma atualidade da narrativa quando se refere ao descompromisso nessa relação instantânea cultivada nos dias de hoje, que se reduz a conquista para apenas uma festa. Vemos que as circunstâncias de conquista da mulher e abandono se assemelham as vivenciadas por Clara.

O final das narrativas, por sua vez, não agradou muito aos alunos. Primeiramente, porque para eles os finais teriam ficado “incompletos”. Daí a fala da aluna *Ca*, a qual nos referimos anteriormente, que argumenta que os contos paravam na melhor parte. Em segundo lugar, para a turma, as atitudes femininas, que tinham seu clímax nas últimas cenas das narrativas, não poderiam acontecer.

Em “*Numa e a Ninfa*” o adultério foi bem discutido, pois quase toda a turma não aceitava essa conduta da personagem feminina, pois para eles ela não poderia trair o marido, mas sim tentar ser feliz com ele. No entanto, considerando o contexto do qual essa mulher fazia parte, alguns alunos acharam ousada a atitude de Gilberta. Devido à divisão de opiniões convidamos os alunos para fazer um júri simulado para o julgamento da personagem feminina. As argumentações de defesa ou não de Gilberta foram as seguintes:

O primeiro é que ela casou sem amor. O Segundo é que ela não tinha a atenção dele. O terceiro é que ela só casou porque precisava sair às ruas na companhia de um homem. Quarto ela só traiu porque ele... *Viu Vi!* Só queria se aproveitar do talento dela. E, quinto ela só traiu porque não casou por amor, mas por interesse. (Hu)

Eu sou do contra porque... Eu acho assim, por exemplo: vocês meninas que tem um namorado né, aí você quer ficar com outra pessoa, então faça o seguinte: deixe seu namorado e vá atrás de outra pessoa. Porque vai ficar feio do lado de quem está traindo, é uma falta de respeito, consideração. Então, minha visão é essa: você quer namorar com fulano ...Deixe e pronto. Porque eu acho que quem trai é uma pessoa que não tem caráter, é uma pessoa que não tem respeito a si próprio, não se dá valor! (Al)

Muitas das discussões tidas na sala de aula são recuperadas pela aluna *Hu*, porta voz do grupo a favor de Gilberta. Então, o grupo toca em traços importantes, como o casamento sem amor, apenas pela necessidade de casar-se, pois com essa união seria um jeito atravessado de buscar um pouco de liberdade saindo às ruas. Portanto, uma relação alicerçada no interesse e não no amor é o principal argumento das alunas para Gilberta cometer uma traição dentro do casamento.

O segundo grupo responsável por contra-argumentar foi representado pela aluna *Al*. Os pontos levantados contra o adultério de Gilberta, ao contrário do primeiro grupo, não consideram o contexto evidenciado no conto, uma vez que eles expõem argumentos que defendem que a mulher largue o casamento. No entanto, pela situação sócio-histórico-cultural isso não seria permitido sem trazer grandes danos para a imagem feminina, e, também isso seria contra aos interesses cultivados por Gilberta, já que ela queria ser reconhecida socialmente por sua distinção. Por isso, vemos que os alunos recuperam mais as situações que vivenciam no seu cotidiano, posto que colocam “que vai ficar feio do lado de quem está traindo...” (*Al*), ou seja, o grupo considera que para o homem isso também não seria correto hoje, mas na realidade retratada, isso era bem aceito.

O final da narrativa “Clara dos Anjos” também levantou inúmeras objeções, pois segundo os alunos, Clara era muito ingênua, uma caracterização que não seria bem aceita nos dias atuais. Assim, ao serem questionados se mudariam algo, muitos apontaram o final do conto, e, principalmente, a última fala da personagem: “Mamãe eu não sou nada nessa vida” (BARRETO, 2010, p.255). Para o aluno *Ir* ela deveria dizer de outra forma a sua última fala:

Eu acho que ela não deveria ter terminado dizendo “eu não sou nada nessa vida”, era para ter dito “mãe eu sou burra”. (*Ir*)

Então questionamos como deveria ser o final da narrativa para a turma, o mesmo aluno sugeriu o seguinte:

Clara teve o filho, o pai e a mãe de Clara cuidaram do filho como se fosse irmão dela, porque hoje em dia a avó e avô ... Porque quando a criança nasce parece nem é da filha, é deles... Cuidaram muito bem da criança, e o cara ia fazer com outra a mesma coisa. (*Ir*)

O final aludido pelo aluno *Ir* apresenta uma situação comum e mais acentuada nos dias atuais – a formação de outros modelos de famílias. No desfecho sugerido percebemos logo a resolução do conflito, tendo a construção de um final feliz. A felicidade nas últimas cenas da narrativa também é o sugerido pela maioria da turma quando pede a união do casal. Com isso, os finais dos dois contos não agradaram porque não traziam um final feliz. Sendo assim, os alunos demonstraram os seus horizontes de expectativas ligados à estrutura linear das narrativas, uma vez que esperavam um final em que se resolvessem todas as complicações encontradas na história, tendo um final de conto de fadas para as personagens principais.

Mesmo percebendo que a turma se envolve com os dois tipos femininos representados, querendo um final feliz para ambas as narrativas, é com a personagem Clara que notamos uma

identificação maior. As manifestações coletivas de revolta com o final tido pelo personagem demonstram isso. O contexto representado no conto se aproximava mais da realidade socioeconômica dos alunos, do que o contexto burguês trazido no conto “Numa e a Ninfa”.

Diante da recepção dos alunos aos contos lidos percebemos que de um modo geral os alunos interpretaram os sentidos dos textos a partir de suas vivências pessoais e por isso se possibilitou um diálogo das narrativas com as suas realidades. E com isso os alunos conseguiram perceber, de uma forma mais específica, o papel exercido na sociedade da época pelos dois tipos femininos representados. Dessa forma, nos pontos de vistas compartilhados sobre o texto literário, notamos o acionamento de valores sociais, éticos e culturais da turma.

4 Últimas considerações

A percepção das personagens femininas pelos alunos nos contos de Lima Barreto aconteceu devido à interação desses com as leituras realizadas. Tendo a oportunidade de se posicionarem coletivamente, a turma fez um diálogo da realidade retratada nos contos com a vivenciada por eles nos dias atuais. Sendo assim, a socialização dos pontos de vista sobre os contos fez surgir um momento de construção de leituras plurais e de sentidos mais ricos e verticais.

Para tanto, alicerçamos nossa intervenção didática em um enfoque que considerava o leitor como o eixo primordial e por isso buscamos procedimentos metodológicos que privilegiasse a leitura integral dos contos e a vivência dos alunos com as narrativas, uma vez que consideramos esses aspectos pontos fundamentais na formação de leitores.

As questões suscitadas pelas narrativas “Numa e a Ninfa” e “Clara dos Anjos” foram interpretadas pelos alunos quando provocados com nossos questionamentos. Ao mesmo tempo, os alunos puderam discordar de algumas dessas situações trazidas. A quebra de expectativa com os finais das narrativas é um exemplo de como as leituras dos alunos passam por seus interesses. Nesse sentido, como os finais diferiam dos desfechos comumente presentes nos seus horizontes de expectativas, a turma queria modificá-los.

Acreditamos, portanto, que os encontros de leitura foram um espaço democrático de construção de saberes, pois pudemos nos beneficiar dos conhecimentos dos outros, como salienta Colomer (2007). Sendo assim, reafirmamos que esses conhecimentos apreendidos e compartilhados pela turma foram suscitados a partir da centralidade dada à leitura do texto literário.

5 Referências

AGUIAR, Vera Teixeira & BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993.

BARRETO, Lima. **Contos completos de Lima Barreto** (Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz). São Paulo: Companhia da Letras, 2010.

BRASIL, **Orientações curriculares para o ensino Médio**. Volume 01 Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2006.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**; São Paulo: Global, 2007 (trad. Laura Sandroni.)

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (sel., trad. Introd.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: LIMA, Luiz. Costa. (Sel. Coord. Trad.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63 – 80.

PARAÍBA. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias**. João Pessoa. Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Coordenadoria de Ensino Médio, 2006.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Invasão da Catedral: literatura e ensino em debate**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

_____. Literatura no ensino médio: uma hipótese de trabalho. In: DIAS, Luiz Francisco (Org.). **Texto, escrita, interpretação: ensino e pesquisa**. João Pessoa: Idéia, 2001. p. 13-26.

_____. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. [orgs.]. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 103-116.

_____. A abordagem do poema na prática de ensino: reflexões e propostas. In: MENDES, Soélis Teixeira do Prado; ROMANO, Patrícia Aparecida Beraldo. **Práticas de língua e literatura no ensino médio: olhares diversos, múltiplas propostas**. Campina Grande: Bagagem, 2012, p. 85-116.

SOARES, Magda. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs). **Escolarização da leitura literária**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.